



Director — António Dantas, filho
 Secretário da Redacção — António Geraldo
 Editor — António A. Carvalho Júnior

Quinzenário Académico
 Propriedade da Empresa de O CALOIRO
 Guimarães, 11 de Fevereiro de 1912

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
 Rua de Gil Vicente, 93 — GUIMARÃES
 Composto e impresso na Tip. Minerva Vimaranesa
 RUA DE PAIO GALVÃO

Visita da Tuna Académica dos Liceus do Porto a esta cidade

A cidade de Guimarães, de tradições nobilíssimas, que sempre tem sabido manter com desusado brio, recebe hoje a penhorante visita da magnífica Tuna Académica dos Liceus do Porto, que a escolheu para a sua primeira excursão de benemerências.

Chamamos assim ao passeio dos simpáticos rapazes que compõem a tuna, porque, além dos lânguidos olhares que esperam das belas desta terra, anima-os uma missão altruista que se impuseram, um fim sublime e digno dos maiores elogios, que é a conquista de fundos para uma caixa filantrópica de auxílios pecuniários aos seus camaradas pobres.

Tal facto demonstra, por forma bem significativa, o espirito de solidariedade que une os povos num amplexo de virtude e de justiça, que anima os tunos, os quais procuram à custa das suas aptidões artísticas, minorar as agruras da vida académica dos seus irmãos menos felizes.

Dignos de todo o aplauso e de toda a coadjuvação são porisso os distintos académicos portuenses.

A' cata de sorrisos vê-los heis saudando as damas pelas ruas da cidade, na doce expansão da alegria que brota da sua juventude feliz e despreocupada.

A' procura daquilo que aqui os traz, o dinheiro, que não queima mas que enche de prazer a alma de quem o dá e a de quem o recebe, o óbulo que não avilta mas que dignifica e engrandece aquele que o solicita, vê-los heis à noite na nossa casa de espectáculos desferindo dos seus instrumentos acordes harmoniosos que deleitam e sensibilizam, e arrancando com as suas facécias gargalhadas electrizantes.

E aqueles acordes e aquelas facécias, quantas lagrimas e quantos desalentos evitarão!...

Benvindos obreiros do bem!

Benvindos corações diamantinos que nem mesmo nas horas destinadas ao folgar da vossa mocidade radiante, vos esqueceis dos menos bafejados pelas auras da fortuna.

Sêde benvindos!

Os nossos distintos camaradas, que são acompanhados pelo digno

reitor do Liceu Rodrigues de Freitas Ex.^{mo} Sr. Júlio Vitoria e pelo abalizado professor do mesmo Liceu Ex.^{mo} Snt. Doutor Alfredo de Magalhães, chegam a esta cidade no combóio das 11 1/2 horas, sendo aguardados na Estação pelas Associações e várias entidades.

Organizar-se há ali um cortejo que seguindo pela antiga Avenida do Comércio, antigo Toural e antiga rua da Rainha terminará no largo da Oliveira, no edificio dos Paços do Concelho, em cujo salão nobre lhe serão dadas pela Comissão Municipal as boas-vindas em nome da cidade, á qual a visita é consagrada.

Em seguida dirigir-se há a tuna ao liceu, onde receberá as boas-vindas da Academia Vimaranesa e onde esta lhe patenteará a sua imensa satisfação pelo facto de, visitando a tuna esta cidade, lhe facultar o ensejo de abraçar os seus queridos camaradas, entre os quais se encontram os estudantes desta cidade srs. Aprígio Neves de Castro, Manuel Joaquim da Silva, Joaquim Roberto, Freitas Barros, Mário Dias, Gomes Alves, Sousa, Virgílio Marques, José de Oliveira, Germano e outros cujos nomes agora nós não ocoitrem.

Dali segue a tuna em visita ao quartel de infantaria n.º 20, Associação de Classe dos Empregados de Comércio, Corporação dos Bombeiros Voluntários, Sociedade de Martins Sarmento, etc.

A' noite realizar-se há o sarau cujo programa damos noutra logar.

Damas de Guimarães:

Logo sereis visitadas pela radiante mocidade estudiosa que em estrépitos de alegria vos saúdará.

Sabeis que a alegria dos estudantes, envoltos na negrura da capa e da batina, redundará em tristeza de cemitério se os vossos meigos olhares e os vossos compassivos sorrisos se não volverem para eles em gesto de adesão. Aderi pois à festa académica, doces Evas deste encantador paraíso.

Deus deu-vos a graça das virgens de Sion, a pureza dos lírios de Sabá e a candura das pombas do Eufrates para fazer deste cantinho que se chama Guimarães a Terra da Promissão.

Em sua busca vem uma pléia-

Saudação

Benvinda sejas tu, ó mocidade,
 Companheiros na luta estudiosa;
 Não recues: verás esta cidade
 Sorrindo-se abraçar-te jubilosa.

Os muros gigantescos do meu lar
 Que outrora retiveram campeões,
 Ao ver-vos, se abrirão de par em par,
 Movidos ao pulsar dos corações.

Envoltos nessas capas de poetas,
 Matizando em perfumes esta vida,
 Aqui encontrareis eguaes atletas
 Para dulcificar a vossa lida.

Vereis neste torrão do nosso Minho
 Um canteiro povoado só de rosas,
 Onde adejam, com asas só de arminho,
 As mais leves, mais finas mariposas.

Encontrareis aqui neste jardim,
 Mescladas, as cecêns e as violetas,
 Abraçados o lírio com o jasmim;
 E vereis ás janelas Julietas.

Encontrareis também os monumentos
 Que ainda agora scintilam crispações;
 São a história de todos os momentos,
 Onde nós estudamos as lições.

Oh!... Benvindos sejais pois a estas pregas,
 Onde assenta esta heróica Guimarães!
 Buscai o terno abraço dos colégas
 E as saudações de irmãos, de pais e mães.

Levai, para afrouxar vossa Saudade,
 Debaixo dessas capas uma flor;
 Não peito levarás, ó mocidade,
 A doença que produz o fundo amor.

Os dias volverão; em alta idade,
 (Talvez algum estude p'ra doutor)
 Ainda então lembrareis esta cidade,
 Ao apalpar o sítio desta dor.

R. E.

de de Romeus, sedentos de alegria.

Vós que sempre tendes sustentado os créditos desta terra nobre por tradição e hospitaleira por excelência, compadecei-vos dêles, partilhando da sua festa e dando-lhe o brilho que provem da vossa admirável formosura, das vos-

sas almas puras e da vossa santa alegria.

Aderi, pois, gentilíssimas damas. E' o que vos pede «O Caloiro» que vos beija respeitosamente as mãos, ao mesmo tempo que abraça os seus briosos camaradas a quem deseja um dia felicíssimo.

TEATRO
AFONSO HENRIQUES

Domingo, 11 de Fevereiro

A's 8 1/2 horas da noite

PROGRAMA

DO

Sarau promovido pela Tuna Académica
dos Liceus do Porto

DEDICADO

A's gentilísimas Damas de Guimarães

1.ª PARTE

Portuguesa—hino nacional—de ALFREDO KEIL } pela tuna
Hino académico—de A. NELL DE MEDEIROS.

Discurso de apresentação

pelo distinto professor do LICEU RODRIGUES DE FREITAS

Ex.^{mo} Snr. Dr. Alfredo Magalhães

Viva Guimarães—passe-calle, do estudante } pela tuna
ELÍSIO DA S. MATOS
Sphynx—valsa do maestro POPE
Palhaços—do maestro LEONCAVALLO.

2.ª PARTE

Fados por Eurico F. Alves
Monólogos por Álvaro M. Queiroz

Serenata, solo de violino acompanhado a viola francesa
do Ex.^{mo} Snr. J. J. Figueiras, digníssimo chefe
de música da Guarda Republicana do Porto, exe-
cutada por MARCOS A. MATOS e ALVARO
COCHFEL.

Duo para violino, Op. 19; Liv. 2 de J. B. Viotti. Alegro con-
certo n. 2, por MARCOS e ELÍSIO DA S. MATOS.

3.ª PARTE

Um sarau improvisado a propósito cómico,
heróico carnavalesco, feito para rapazes e por eles representado:

Comédia em 1 acto

Personagens

Manuel, creado J. Barros
Aniceto, estudante A. N. de Castro
Paulo, estudante Eurico F. Alves
Um estudante S. C. Lobo.

4.ª PARTE

Seleção da ópera Boémia—do maestro PUCCINI } pela tuna
Dulce—valsa de JOSÉ DA S. MATOS
Fic et nunci—ordinário de SOUSA MORAIS
Hino académico
Portuguesa.

Regente da tuna Marcos da S. Matos
Ensaíador scénico J. Barros
Ponto A. G. Alves.
Contra-regra M. P. de Castro.

Amo-te!

Eu amo-te tanto, tanto,
Que em pranto,
Me arrastarei toda a vida,
Se em breve não sentir
E não vir
A tua alma à minha unida.

Amo-te, qu'rida donzela,
Casta e bela,
Com todo o meu puro amor.
Porque só quem me alumia,
E me guia,
E's tu, anjo sedutor.

Amo-te, porque és o enleio,
Que eu anseio
Bem depressa a mim ligar;
E mesmo porque desejo
Ter ensejo
De as tuas faces beijar.

Amo-te, e com sofrimento,
Me lamento,
Por já não te pertencer.
Mas podes crer, ó meu anjo,
Meu arcanjo,
Que só teu desejo ser.

Amo-te! Por ti sou louco,
E bem pouco
Tu crês na minha amizade...
Pois podes crer, minha qu'rida,
Minha vida,
Minha adorada beldade!

Amo-te, sim, com ardor,
Meu amor!
Não te esquecerei jamais.
Amei-te muito outrora;
Mas agora
Amo-te ainda muito mais!

Rebello de Sousa.

Album de pensamentos
e máximas

Escolhe para espôsa mulher
que seja dócil, prudente, activa e
honesto, embora não seja nobre
nem rica, nem bela.

Os abusos do poder tem sido
a causa eficiente de grande parte
das revoluções.

Qual rochedo no meio do mar,
investido das ondas, assim se acha
a mulher formosa no meio do
mundo: carece de muita firmeza
para não ser abalada pela fúria
das paixões.

Raras vezes o amor da pátria
tem sido a causa motriz das cons-
pirações; mas sim a ambição do
poder, riqueza e honras.

O deputado honrado, sem in-
censar governos, nem oposições,
vota com a mão sobre a consciên-
cia, e os olhos no bem da pátria.

A desgraça é democrática; não
reconhece, nem respeita catego-
rias sociais.

O direito público das nações
tem-se regulado por um só prin-
cípio:—o interesse das mais po-
derosas.

Queremos ter dominio sobre
os outros, e não sabemos obtê-lo
sobre nós mesmos.

Quando a pena não é lisonjei-
ra, ou vendida, a alma do escri-
tor reflecte através dos seus es-
critos.

Os que querem governar os po-
vos só pela fôrça, ignoram que
nos povos existe a fôrça.

Ao que mata um homem, cha-
ma-se assassino: ao que mata mi-
lhares, guerreiro: ao que saqueia
uma casa, chama-se ladrão; e ao
que saqueia províncias e nações,
conquistador: um é coberto de
infâmia, o outro de honras e gló-
ria. Eis aqui como o mundo tem
entendido a moral e a justiça!

Para os governantes fazerem fe-
liz os povos, devem ter na mão
o poder, na cabeça a inteligência
no coração a virtude.

A liberdade da imprensa é o
defensor da inocência: o compres-
sor dos desmandos; o correctivo
das demasias; o espectro da con-
cussão; o fantasma do arbitrio; o
pesadello da tirania; o sustentácu-
lo da liberdade: mas também o
seu abuso é o canal da mentira;
o opressor da probidade; o veícu-
lo da calúnia; o algoz da honra.

Um govêrno sábio deve criar
homens para empregos e não em-
pregos para homens.

Se no mercado se vendesse o
juízo, ninguém o comprava; por-
que todos pensam ter de sobra.

Grande parte de repúblicas tem
percido aos golpes de tiranos,
que souberam fingir-se democra-
tas amantes do povo.

Fisgando

Vamos todos ao Doutrinas
Apresentar-lhe os emboras,
Por êle pôr o relógio
A dar as vinte e quatro horas.

Dantes, quando dava doze,
A' hora das supraditas,
Era já uma arrelia
Dum milheiro de cabritas...

Que fará agora, a entrarem
Nos ouvidos como setas,
Pelas horas dos fantasmas,
As horas todas completas?!

Dá vontade de mandar
O Doutrinas p'ra a Tarpeia,
O relógio para o diabo,
E mais quem teve essa ideia.

Lá p'ra o Largo da Oliveira
Ninguém a morar se afoite,
Pois, se fôr, 'stá condenado
A ouvir horas toda a noite.

Não é bom depois das doze
Alguém ter por lá demoras.
Não vá apanhar o costume
De andar também a dar horas.

Telo.

Crónica académica

(Conclusão)

Português, a última parte do canto IV dos Lusíadas! O episódio do velho do Restelo. É tão difícil e confuso! Para se falar desta parte, tem-se, indubitavelmente, de evocar as outras anteriores do Poema e por fim o seu autor. Mas como me atreverei eu a falar desse imortal épico, que ainda hoje fulgura, como um astro de primeira grandeza, entre os principais poetas, e recebeu, pelo seu talento, a consagração da História? Grandes foram Homero e Vergílio, Dante e Lamartine. Dos primeiros, um canta os feitos épicos dos Gregos, o outro canta as searas com os seus dourados frutos; dos segundos, um canta, na Divina Comédia, as fantasias que a sua imaginação concebeu de passagem pelo Inferno, Purgatório e Paraíso, onde por vezes se perde em profundas abstrações metafísicas; o outro,

cuja musa é sentimental como a de Castilho, canta o sentimento e as paixões do coração humano.

E o autor dos Lusíadas? Ah! Esse canta as glórias nacionais, celebra os feitos da nossa raça, immortaliza o nome português na história da Humanidade. Como isto é belo!... Mas é tão massador e tão intrincado! Assim como o velho do Restelo amaldiçoou aquele que inventou a navegação, eu amaldiçoou também o que inventou o estudo. Aqueles expunham-se ás iras do mar, ao sabor das tempestades, correndo o risco eminente de não verem mais a terra que lhe sérviu de berço, a mãe que os embalou, a espôsa que os adorava e os filhos a quem estremeciam. E eu? Em vez de me entregar aos prazeres da minha mocidade, em vez de procurar a felicidade nos divertimentos e no amor, estou aqui massacrando o corpo e a alma com este tormento que se chama—o estudo.

Maldito seja o que inventou a arte de estudar!... E ainda só estudei português! Perdi-me em

abstracções! Agora uma vista de olhos sobre o latim; essa lingua morta que não serve para mais nada do que para estontear o cérebro. E demais, para quem segue uma carreira científica, para que diabo servirá o latim? Isso é bom para os padres! E logo uma lição enorme sobre Alcibiades! Não resta um momento para uma guitarra. Quando der com isto traduzido e declinado, já me não fica grande tempo para o resto.

..... Ah! Já me não masso mais com isto; com o que já sei, hei-de ir para a aula. Francês, ainda bem que é pouco e facil. Duas frasezitas sómente. Alemão, só uma frase e uns verbos que já sei menos mal.

Até que enfim acabei com a massada; mas devem estar a cair vinte e tres horas na Oliveira.

De repente ouve-se uma guitarra que cada vez se aproxima mais. Abri a janela para respirar. Estava uma noite esplêndida, uma noite de serenatas. Os sons da guitarra impressionam, arrebatam; esperemos mais um pouco.

Daí a bocado a serenata aproxima-se e ouve-se a seguinte quadra:

Donzela de olhos galantes,
Que suspiras por amores,
Anda ver os estudantes,
Neste martírio de dores!

Só eu sou o mártir do estudo, o desgraçado que não tem uma hora para folgar; mas os meus companheiros, esses pouco se importam, lá andam na boémia. Para esses é que é a tal vida de estudante.

Porque não faço eu também assim? Porque não gozo também como eles, e faço serenatas nas noites de luar? Se não fôsse o fim do ano!...

*
A Lua que já se elevava no horizonte, inundava de luz purpúrea o quarto daquele humilde estudante, convidando-o a repou-sar, para no dia seguinte prosseguir na sua espinhosa tarefa. A serenata caminhou, ao acaso, pela cidade, cujo rumor se apagara no silêncio misterioso da noite.

A. Dias.



Cidade de Guimarães

Vende-se

Um carrinho, garra-no e arreio, junto ou separado.

Dirigir ao solicitador Pimenta.

ALUGAM-SE

Um escritório com o n.º 100 e uma cocheira com o n.º 96, na rua 31 de Janeiro, desta cidade.

Vende-se a casa nobre n.º 45—S. Bento—.

Dirigir ao solicita-dor Pimenta.

FOLHETIM

PREGÃO

NA

Festa dos Estudantes de Guimarães

(CHAMADA DE S. NICOLAU)

Ano de 1818

Vem, Grande Nicolau, vem do teu trono
Mostrar que só tu sabes ser patrono.
A tenra juventude desditosa
A' sombra da cadeira carunchosa,
Qual sombra a quem o sol jamais consola,
Definha e morre no salão da Escola.
No mar Tirreno, ou no vulcão de Troia,
Já a cabeça perdida não vê bóia,
Martelo aos golpes na tenaz bigorna,
Verbo e Caso no ouvido estala e torna,
Esgota o sangue, a paciência, o tino,
Tanto género neutro, e feminino!
Lá vem Sanches, Vernei, lá vem Prisónio,
Para o nó desatar de Suetónio.
Mais alto lá do Rosto papagueia
Apostrofe, imortal Prosopeia.
Barbilongo, o Senhor Quintiliano,
Com flores para a frase, em todo o ano!

Mal haja a sua mágica loquela!
(Bem retóricas dão os pais sem ela)
E qual não trava ali tenaz guerrilha
Da Razão a chamada melhor Filha!
Lá vai murro no pobre Silogismo
Por um termo de mais... Surge do abismo,
Co'as cangalhas nas ventas Peripato;
«Que vai cá nestas eras? que é do pacto,
«Que fiz com Autems, Ergos, onde existe?
«O moderno Pensar em que consiste?
Eis num valente *Objicitur* esbarra,
E no abismo outra vez de chofre narra.
Ai de nós tristes! que fatal açoite!
Pesa arrobas de chumbo cada noite,
Pesa mais do que o Mundo cada dia.
Só de Ti, Nicolau, vem a alegria.
Só tu ao coração prestas alento,
Há um ano sem ti, murcho, sedento,
Coitado!... já se expande, já resfolga.
Já vive... oh sócios meus, à folga, à folga!
Dá férias Nicolau: em honra sua
Nossos festejos veja o Sol e a Lua.
Guimarães toda alastre-se de flores,
Mãos de neve ás baquetas dos tambores!
Bucéfalos gentis espumem, rinchem,
E em jaez pouco airoso fora pinchem;
Mil farças, mil visagens apareçam.
As Belas mais que nunca reflorem.
Desta vez, Fanatismo, cais por terra;
Hipocrisia, vai ferir-te a Guerra.
Hoje Arconte não há, insulso e pêco,
Que tolha das facécias o embelêco.
Podem as Ninfas de apurado gôsto
Mostrar a bel-prazer seu lindo rosto,

Tomar um ramo, fomentá-lo ao peito,
Como vindo de Adonis tam perfeito:
Ou aquele aceitar insigne pomo,
Que a tantos escrever fez mais que um tomo,
Que glória ter aos pés um Estudante,
Finezas de morrer rendendo amante!
«Eis aqui, minha Bela, o teu escravo.
«Faz-me sorver de amor o doce favo.
Que glória não é a tua, oh Sexo amável,
Em ouvir confissão tão respeitável!
Um Estudante é a flor da Sociedade,
Tem graça, tem primor, tem gravidade.
Tudo o de que elas tem maior desejo,
Nem de armas lhe falece o bom manejo.
Estudante!... sobretudo neste dia!
Jóia alguém mostrará de mais valia!
Alguem de tam boçais, longas orelhas,
Com êle tentará correr parelhas?...
Ora aí vai a Lei!... Tomai sentido!
Bem alto falo para ser ouvido.
Função de Nicolau é Função nossa.
Só ela é que os trabalhos nos adoça.
A ninguém mais se outorga cabimento.
Se alguém contravier ao mandamento,
Confisco logo da cabeça ôca
Para dela em Valongo fazer troca;
Pernas e braços para os cães do açougue.
Quadra esta pena, como ao gáfo o açougue.
A' Voz da Ronda, valoroso Bando,
Escolta de valor, e bom comando,
A' Voz, a quem nenhuma força vence,
Dêste Decreto o—Cumpra-se—pertence:
Viva e reviva o lépido Estudante...
O Rendeiro que estoure, que é tratante!

TIP. MINERVA  VIMARANENSE

Oficina de Encadernação, Papelaria e Livraria

—DE—

António Luís da Silva Dantas

Rua de Paio Galvão—GUIMARÃES

Na oficina tipográfica, montada com cerca de 240 colecções de tipos, maquinismo aperfeiçoado e pelos modernos processos da arte, executam-se, com nitidez e perfeição, todos os trabalhos, tais como: obras de livro e jornais de grande e pequeno formato; participações de nascimento, casamento e óbito; circulares, memoranduns, facturas, envelopes e todos os demais impressos para comércio; mapas, mandados de pagamento, talões e vários outros impressos para repartições públicas civis, eclesiásticas e militares; rótulos para farmácia; etiquetas para fábricas e estabelecimentos de fazendas e ferragens; programas e bilhetes para espectáculos, etc., etc.

Impressões a côres, ouro, prata e cromotipografia.

ESPECIALIDADE EM CARTÕES DE VISITA DE DIVERSAS QUALIDADES E FORMATOS.

Na oficina de encadernação executam-se todos os trabalhos concernentes á arte, com perfeição e segurança, para o que possui escolhido material vindo expressamente do estrangeiro e pessoal competentemente habilitado.

Na papelaria encontra-se um variado sortido de papéis almaços, finos e de impressão, nacionais e estrangeiros, objectos de escritório, caixas de papel de fantasia em diversos formatos, livros em branco, para comércio, cartão fino e papelão em folha, etc., etc.

Encarrega-se da execução de GRAVURAS EM MADEIRA, EM ZINCO E COBRE, pelos processos químicos, e de CARIMBOS DE BORRACHA, para o que está em correspondência directa com os mais hábeis gravadores e fabricantes.

PREÇOS RAZOÁVEIS. * * * Trabalhos perfeitos e rápidos.

Fotografia Carvalho

98 Rua de Paio Galvão, 98

(Junto ao edificio dos Bombeiros Voluntários)

Guimarães

Luxuoso ATELIER montado segundo os últimos quesitos da arte e dotado de excelentes aparelhos, o que lhe permite executar:

Esmaltes fotográficos para medalhas, perfeitos e eternos.

Retratos em porcelana.

Retratos reclame desde 600 a dúzia.

Ampliações inalteráveis desde 2\$000 rs.

Novidades, efeitos de luz, transformações de vestidos e penteados, etc., etc.

Opera-se com todo tempo.

Colégio Académico

Rua de S. Domingos, 19

GUIMARÃES

Admite alunos internos, semi-internos e externos, para instrução primária, secundária e curso comercial.

Alimentação abundante e bem cuidada

Pedir programas à direcção

O CALOIRO

Quinzenário Académico

O CALOIRO

Quinzenário Académico

PREÇO DA ASSINATURA

(Pagamento adiantado)

Semestre ... 240 rs.
Trimestre ... 120 "
Numero avulso ... 20 "

Pelo correio aumenta 60 reis para o porte e cobrança.

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Anúncios e comunicados, por linha 40 rs.
Repetição, por linha ... 20 "
Permanentes, contrato convencional.
Anúncios, não judiciais, para os srs. assinantes, 25 % de abatimento.

Ex. mo Sr.